

SEQUÊNCIA DE ENSINO INVESTIGATIVO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL: CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Hellen Alves dos Santos¹, Alex Vinicius Barboza Vargas Pereira²

¹ Instituto Federal do Espírito Santo / hellenalves.bio@gmail.com

² Universidade Federal do Espírito Santo / vbarbozaalex@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Educação Sexual (ES) é uma temática de grande amplitude, que incorpora dimensões sociais, culturais, biológicas e históricas da sexualidade humana (Bertollo et al., 2018; Senem; Caramaschi, 2017). Embora essencial para a saúde e o bem-estar (OMS, 2015), o tema frequentemente enfrenta resistência e é desencorajado por movimentos conservadores (Machado; Selles, 2021). No currículo brasileiro, o ensino obrigatório de aspectos reprodutivos está predominantemente restrito ao 8º ano do Ensino Fundamental (EF) (Brasil, 2018). Essa limitação, combinada com a tendência histórica de uma abordagem expositiva (Rodrigues Júnior, 1993), pode resultar na transmissão de conceitos de forma incompleta ou dissociada da realidade dos estudantes (Vitiello, 1995).

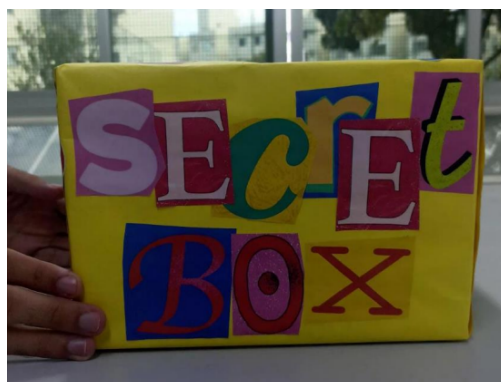
O Ensino de Ciências por Investigação (ENCI) apresenta-se como uma perspectiva teórica que busca superar essa transmissão unilateral, incentivando o estudante a ser protagonista e a construir o conhecimento por meio dos processos da pesquisa científica (Sasseron, 2015). Esta abordagem se justifica como um aliado crucial para diversificar as práticas escolares e estimular o desenvolvimento de habilidades como o pensamento crítico, a argumentação e o trabalho em equipe (Trivelato; Tonidandel, 2015; Zômpero; Laburú, 2011).

O presente relato de experiência descreve o processo de aplicação de uma Sequência de Ensino Investigativo (SEI) sobre educação sexual, originalmente validada para o Ensino Médio (EM) por Agostini (2022), que foi adaptada para o público do 8º ano do EF. O objetivo central foi utilizar a abordagem do ENCI para sanar dúvidas, superar mitos e assimilar conhecimentos científicos sobre sexualidade, refletindo sobre as percepções pedagógicas geradas durante a experiência.

METODOLOGIA

A SEI aplicada baseou-se na adaptação do trabalho desenvolvido por Agostini (2022), voltada para o 2º ano do EM. A adaptação foi fundamental, uma vez que as dúvidas dos estudantes do EF divergiram daquelas observadas no EM (Agostini, 2022). Ambas as propostas tiveram como ponto de partida fichas de dúvidas coletadas anonimamente, que foram depositadas na Secret Box (Figura 1).

Figura 1. Secret Box



Fonte: Própria dos autores (2023).

Após análise e categorização das dúvidas, as adaptações incluíram: Reorganização Curricular - Pela adequação a faixa etária o tema aborto foi retirado do eixo temático; Ajustes de Atividades - A atividade "Quanto custa criar um filho?" foi modificada de uma investigação familiar para um jogo lúdico em sala de aula devido à faixa etária e ao contexto de escola de tempo integral; A dinâmica "Rótulos" - a referência da série Sex Education, com classificação indicativa de 16 anos, foi substituída por Heartstopper, com classificação indicativa de 12 anos, para se adequar ao público.

A aplicação da SEI ocorreu no ano de 2023 em uma escola pública estadual do Espírito Santo, em três turmas de 8º ano do EF, ao longo de 11 aulas, planejadas para percorrer todas as etapas do ensino por investigação: problematização, levantamento de hipóteses, investigação do problema, socialização dos resultados e sistematização do conteúdo (Carvalho, 2013).

A organização das aulas seguiam em sua maioria o seguinte molde: As aulas iniciavam com a Problematização a partir das dúvidas anônimas previamente categorizadas, em grupos os estudantes produziam e registravam suas hipóteses iniciais sobre o assunto. Na etapa de Investigação os estudantes consultavam sites confiáveis, livros ou artigos online, buscando validar ou refutar suas Hipóteses Iniciais, construídas a partir do conhecimento prévio. Após a conclusão das pesquisas, a Socialização dos Resultados permitia a discussão do processo investigativo e das modificações nas hipóteses iniciais, enquanto a Sistematização aprofundava o conteúdo (Carvalho, 2013).

O trabalho foi realizado no contexto do estágio supervisionado obrigatório, sob supervisão da professora regente. O anonimato dos estudantes foi garantido através das fichas de dúvidas, que coletava apenas dados básicos de idade e gênero, e do questionário final de avaliação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No início da aplicação da SEI, houveram manifestações verbais de alunas alegando que o estudo dessa temática não era correto. A intervenção dialógica da professora regente foi essencial para

persuadi-las a participar, e durante o processo de pesquisa as mesmas alunas se destacaram positivamente, realizando buscas em diversas fontes e com excelente conexão de ideias. Essa experiência reforçou que o papel do professor, como instigador, é fundamental para provocar o estudante a sair de uma inércia cognitiva, assumindo uma posição ativa na formulação do conhecimento crítico-científico (Machado, 2021).

Outra reflexão importante ocorreu durante a exibição de uma vídeo-aula expositiva, que mesmo sendo curta resultou no desinteresse de grande parte da turma, que conversava ou mexia no telefone, confirmando que a mera exposição de conteúdo não é suficiente para superar a complexidade do desinteresse escolar (Garcia et al., 2021). Em contrapartida, as atividades investigativas como a Cruzadinha, incentivaram o diálogo e a cooperação, desenvolvendo o trabalho em equipe e o protagonismo dos estudantes (Decottignies et al., 2022).

O ENCI se mostrou eficaz em transformar o desconhecimento em investigação. Os estudantes se tornaram cada vez mais proativos nos testes de suas hipóteses, refutando ideias advindas de conhecimentos prévios, e demonstraram apropriação dos conceitos, como na afirmação de uma das aulas onde coletivamente afirmaram que a camisinha é o único método contraceptivo capaz de proteger contra ISTs, explicando também o porquê os outros métodos falhariam nessa função, evidenciando o estímulo do ENCI na elaboração e defesa de argumentos de forma coesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação e aplicação da SEI sobre sexualidade no Ensino Fundamental demonstrou as potencialidades do ensino por investigação. A experiência provocou importantes aprendizados procedimentais, uma vez que, apesar da dificuldade inicial, os estudantes demonstraram apropriação dos processos de investigação, seleção de hipóteses e socialização dos resultados. O foco nas dúvidas dos estudantes garantiu que o aprendizado fosse pertinente (Freire, 1996), todos dos estudantes que depositaram dúvidas na Secret Box relataram que foram respondidos no decorrer da sequência.

A principal implicação pedagógica deste relato é o reforço do papel da escola na superação de barreiras socioculturais (Vitiello, 1995). A SEI adaptada, com suas atividades diversificadas, configura-se como um recurso didático valioso, que permite ao professor de Ciências abordar a sexualidade de maneira crítica e completa, indo além da restrição biológica e garantindo o acesso dos adolescentes a diálogos e conhecimentos que não seriam alcançados de outra forma (Antunes, 2009). O sucesso deste trabalho na adaptação de uma SEI, originalmente desenvolvida para o Ensino Médio, para o Ensino Fundamental comprova a flexibilidade e a validade de abordagens bem fundamentadas, sugerindo que o processo de adaptação contribui para a multiplicação do alcance de estratégias pedagógicas eficazes, incentivando que educadores e pesquisadores ajustem materiais validados para suas realidades específicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINI, J. P. Sequência de ensino investigativo sobre sexualidade construída a partir das contribuições de estudantes do ensino médio e professores de ciências/biologia. Tese (Mestrado em Ensino de Biologia) - Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2022.
- ANTUNES, Celso. Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender. Artmed Editora, 2009.
- BERTOLLO, L. P. G. et al. Educação Sexual e Reprodutiva para adolescentes como educação entre pares: avaliação de uma experiência de extensão universitária. Revista Brasileira de Extensão Universitária, v. 9, n. 2, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Ciências no Ensino Fundamental – Anos Finais: Unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CARVALHO, A. M. P. Ensino de Ciências por Investigação: Condições de implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- DECOTTIGNIES, M. P.; KRAUZER, K. A. F.; PENHA, M. C. da; PIRES, C. R.; PASSOS, M. S. Sequência de ensino por investigação: sistema respiratório e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, v. 15, n. 1, p. 150–170, 2022.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, A. L. C.; HALMENSCHLAGER, K. R.; BRICK, E. M. Desinteresse Escolar: Um estudo sobre o tema a partir de teses e dissertações. 2021.
- MACHADO, Luisa; SELLES, Sandra Escovedo. Finalidades da educação sexual nas narrativas de professores de ciências e biologia. Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências. Campina Grande: Realize Editora, 2021.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde Sexual, direitos humanos e a lei. 2015.
- RODRIGUES JÚNIOR, O. M. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, M. (org.). Educação sexual: novas ideias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Editora Rosados Tempos, 1993.
- SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. Revista Ensaio, Belo Horizonte, v.17, n. especial, p. 49-67, nov. 2015.
- SENE, C. J.; CARAMASCHI, S. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n. 49, p. 166-189, 2017.
- TRIVELATO, S. L. F.; TONIDANDEL, S. M. R. Ensino por investigação: eixos organizadores para sequências de ensino de biologia. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 17, n. spe, p. 97–114, nov. 2015.
- VITIELLO, N. A educação sexual necessária. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 6, n. 1, 1995.
- ZÔMPERO, A. F.; LABURÚ, C. E. Atividades investigativas no ensino de ciências: aspectos históricos e diferentes abordagens. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte), v. 13, n. 3, p. 67–80, set. 2011.